

“Sobra o temporal e se assegura o eterno”: as missões jesuíticas do Paraguai na obra de Francisco Xarque

“Lo temporal permanece y lo eterno está asegurado”: las misiones jesuíticas del Paraguay en la obra de Francisco Xarque

“Overabound the temporal and the eternal is assured”: the Jesuit missions of Paraguay in the work of Francisco Xarque

André Caruso* <https://orcid.org/0000-0001-5528-2402>

Resumo: Gostaríamos de caracterizar o livro *Insignes misioneros de la Compañía de Jesús*, escrito por Francisco Xarque e publicado em 1687, como exemplo de imposição da “maneira de ler da contrarreforma” em uma “forma discursiva” muito utilizada pelos jesuítas: a relação. A nossa hipótese é que Francisco Xarque pretendia “informar” os leitores, no sentido de dar forma, isto é, edifica-los. O objetivo era, através do relato das missões, apelar para a unidade do ensino moral da Igreja, em um momento de intensos debates sobre esse assunto.

Palavras-chave: filosofia moral; Francisco Xarque; relação de missão

Resumen: El libro *Insignes misioneros de la Compañía de Jesús*, escrito por Francisco Xarque y publicado en 1687, es un ejemplo de imposición de la “forma de lectura de la Contrarreforma” en una “forma discursiva” ampliamente utilizada por los jesuitas: la relación. Nuestra hipótesis es que Francisco Xarque tenía la intención de “informar” a los lectores (en el sentido de darles forma, es decir, edificarlos), más que saciar la curiosidad por el desconocido. El objetivo era, a través de la relación de las misiones, forjar la unidad de la enseñanza moral en la Iglesia, en un momento de intensos debates sobre este tema.

Palabras clave: filosofía moral; Francisco Xarque; relación de misión

* Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ). Apoio CNPq. E-mail: alcruzjr@ufrj.br

Abstract: We would like to characterize the book *Insignes misioneros de la Compañía de Jesús* written by Francisco Xarque and published in 1687, as an example of imposing the “counter-reform way of reading” in a “discursive form” widely used by the Jesuits: the relation. Our hypothesis is that Francisco Xarque intended to “inform” readers, in the sense of giving form to them or even better edifying them. He doesn’t want to give a simple account of the missionaries work. His objective was, through the relation of the missions, to forge the unity of Church’s moral teaching, in a moment of intense debates on this subject.

Keywords: Francisco Xarque; moral philosophy; relation of the mission

Recibido: 6-3-2020. **Aceptado:** 20-3-2020. **Publicado:** 2-4-2020

André Caruso

Bacharel e mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorando em História Social pela mesma instituição e vinculado ao Laboratório de Pesquisas das Práticas Letradas (PEHL). Bolsista Erasmus+ na Université Côte d’Azur e, atualmente, bolsista MOBILLEX na Université de Lille. Pesquiso a composição dos relatos sobre as missões jesuíticas na Província do Paraguai, especialmente a utilização de tópicos relacionadas à *Utopia*.

Cómo citar: Caruso, A. (2020). “Sobra o temporal e se assegura o eterno”: as missões jesuíticas do Paraguai na obra de Francisco Xarque. *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, 8, pp. 1-9. DOI: <https://doi.org/10.31057/2314.3908.v8.n.28078>



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: No Comercial / Compartir Igual (*by-nc-sa*)

<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/index>

Moral e felicidade no século XVII

Uma questão premente no século XVII era a relação entre a religião e a moral. Oficialmente, católicos e protestantes defendiam as leis divinas como base da moral. Eles acreditavam que elas eram inseparáveis, inclusive, a moral era um ramo da teologia. As leis morais estavam inscritas nas consciências e descritas na Bíblia. Os cristãos deviam respeitá-las para alcançar a salvação. Já os pagãos precisavam conhecê-las para evitar a condenação perpétua. No entanto, observava-se, no final do século XVII, o abandono paulatino da teologia moral em favor de uma moral mais sistemática, baseada em princípios lógicos (Kraye, 2003, p. 1279). O moralista esperava que o seu público agisse com lucidez e, assim, encontrasse a felicidade. Ao invés de esperar o paraíso, os moralistas defendiam a felicidade nesse mundo. Nas palavras de Paul Hazard: “Farewell to haloes, and harps and heavenly choirs! If we want happiness, we must get it in this world, and quickly. Thus argued the apostles of the New Morality, who set out to seek happiness in the here and now” (Hazard, 2013, p. 292). [Afastem as auréolas, as harpas e os corais celestiais! Se quisermos felicidade, nós conseguiremos nesse mundo, rapidamente. Os apóstolos da nova Moral argumentavam assim, a felicidade devia buscar-se no aqui e agora.]

Alguns filósofos, como Thomas Hobbes, defendiam o interesse como princípio da felicidade (LeBuffe, 2017). Mas o interesse era avaliado negativamente pela Igreja. O interesse e a busca por vantagens pessoais se confundiam, como na prática da usura. O interesse poderia ser contido, mas não abolido, pois ele se originava no amor próprio. O amor próprio, contudo, era um desvio do amor a Deus e ao próximo (*charitas*). Ele era *cupiditas*, isto é, uma volúpia ou um vício. Ele desejava a conservação da vida e das propriedades – amor próprio de comodidade – bem como a aprovação pública – amor próprio de vaidade. A satisfação desses amores seria a causa dos conflitos entre os homens e arruinaria a sociedade. O amor a Deus e ao próximo, ao contrário, seria a base da associação dos homens (Lazzeri, 2001).

Alguns moralistas começaram a reverter essa visão negativa. O amor próprio causava conflitos, mas também era o princípio de existência das sociedades. A razão convenceria o amor próprio de comodidade a se submeter ao governo em troca de paz, segurança, bens e serviços. Ela também convenceria o amor próprio de vaidade a conviver harmoniosamente com os outros, para a obtenção da aprovação pública. Assim, o amor próprio (*cupiditas*) levaria aos mesmos resultados da caridade (*charitas*). O paradoxo do “interesse desinteressado”. Essa era forma de lidar com o interesse, que não poderia ser abolido. Assim, o interesse individual, cujos efeitos imediatos eram tão devastadores, poderia concorrer, não intencionalmente, mas efetivamente, para o interesse comum. No entanto, esse efeito reverso da satisfação do amor próprio não era ainda equivalente à felicidade. O amor próprio continuaria a desejar comodidade e vaidade. Os homens permaneceriam em disputa por ambas. Na medida que alguém ganhasse algum dos elementos em disputa, o outro perderia. A perda produziria ressentimento e afastaria ainda mais as pessoas. Como ninguém quer perder nada, o ressentimento é escondido e a amabilidade é dissimulada. Se o amor próprio era a origem de conduta, o único remédio para esse mal era a dissimulação. Nesses casos, o amor próprio renunciava-se a si mesmo para melhor se satisfazer (Lazzeri, 2001).

A vida em sociedade seria uma oscilação constante entre raiva e contentamento. Os homens se odeiam uns aos outros, dissimulam o ódio, tornam-se amáveis e obtêm prazer.

Esse ciclo vicioso tornaria a felicidade na Terra uma ilusão. Ninguém seria verdadeiramente feliz, uma vez que dissimulamos nossos verdadeiros interesses por causa do nosso amor próprio.

Gostaríamos de analisar o livro *Insignes misioneros de la Compañía de Jesús*, escrito por Francisco Xarque, e publicado em 1687, como exemplo de impressão da “maneira de ler da contrarreforma” em uma “forma discursiva” muito utilizada pelos jesuítas: a relação. A nossa hipótese é que Francisco Xarque, ao escrever sobre as missões jesuíticas, mais do que “saciar” a curiosidade de leitores ávidos por informações, pretendia “informa-los”, no sentido de dar forma, edifica-los. O objetivo era, através do relato das missões, apelar para a unidade do ensino moral da Igreja, em um momento de intensos debates sobre esse assunto.

A obra de Xarque sobre as missões jesuíticas do Paraguai

Francisco Xarque foi um sacerdote secular aragonês. No início da sua carreira, ele foi jesuíta por um breve período. Ele atuou como missionário na Província do Paraguai entre 1624 e 1629. Exerceu alguns cargos nas Américas e, depois, retornou para Espanha, onde foi deão da catedral de Santa María de Albarracín até o seu falecimento. Ele escreveu três obras sobre as missões no Paraguai. As primeiras foram histórias de vida dos missionários Antonio Ruiz de Montoya e José Cataldino. Elas foram publicadas, respectivamente, em 1662 e 1664. A terceira obra foi *Insignes misioneros de la Compañía de Jesús*. Ela era uma coletânea de história de vidas de outros missionários que atuaram na província do Paraguai e continha um breve relato sobre as reduções da mesma província. Xarque a publicou em Pamplona em 1687 com uma dedicatória ao padre Tirso González, General da Companhia naquela altura. Tirso González era contra os jansenistas, mas também se opunha ao probabilismo. O seu Generalato foi uma tentativa de encontrar uma via intermediária. Ele era conhecido pela adesão ao probabilismo – só se deve aceitar a opinião menos provável caso ela seja mais segura (Gay, 2016, p. 219). Nesse sentido, a dedicatória de Xarque talvez representasse um esforço na direção de Tirso González, ou seja, afastava-se dos jansenistas e das acusações de laxismo.

Além disso, Ernesto J. A. Maeder avançou a hipótese de a obra ter sido escrita em resposta à polêmica com o bispo Bernardino de Cárdenas. Assim, a obra participaria do debate mais amplo entre jesuítas e jansenistas. Francisco Xarque teria contribuído para o conhecimento do trabalho jesuítico no Paraguai, que ficou mal visto depois dessa polêmica.

Es así, que este libro tercero vino a cubrir esa necesidad informativa, particularmente en Europa, donde la imagen de las misiones del Paraguay no era suficientemente clara y se hallaba muchas veces distorsionada por fábulas, rumores y litigios con las autoridades. No pocas cuestiones habían contribuido a ello. La crisis que se había suscitado con el obispo fray Bernardino de Cárdenas y la expulsión que éste había hecho de los jesuítas del colegio de Asunción, en 1649, dio lugar a una serie de alegatos que difundieron el conflicto y causaron escándalo en la corte y en Roma (Jarque & Altamirano, 2008).

Francisco Xarque também incluiu uma carta de Andrés Ferrer de Valdecebro na sua obra. Ferrer de Valdecebro foi um dominicano e atuou no continente americano por alguns anos. Ele ensinou Teologia e foi reitor do Real Colegio de San Luis, no México. Ele voltou

para a Espanha em 1658 e ocupou a cátedra de Teologia Moral em Alcalá de Henares. As suas principais obras foram *Gobierno general, moral y político hallado en las fieras y animales silvestres* e *Gobierno general, moral y político hallado en las aves más generosas y nobles*. As duas obras foram publicadas em Madrid e eram discursos morais baseados nas qualidades dos animais. A inclusão dessa carta na obra de Xarque seria um indício do seu interesse em participar das discussões morais em voga. A obra de Xarque não era apenas um relato de vidas e missões. Ela era também uma tomada de posição frente os debates do período. Através da “maneira de ler da contrarreforma” (Chartier, 1993), que relembra no fiel a voz autorizada da igreja e tentava afastar o perigo da leitura “desautorizada”, imprimia-se nas “formas discursivas” usadas pelos jesuítas para falar sobre as missões, uma direção ao debate em torno da moral na Igreja (Julia, 2001). Ao escrever sobre as missões no Paraguai, Xarque quer lembrar essa “unidade moral” e demonstrar o quanto ela se verifica mesmo nas distantes selvas americanas.

O relato sobre as reduções no Paraguai tem trinta e cinco capítulos. Eles oferecem uma descrição da província do Paraguai, uma visão geral da organização das reduções e uns breves relatos, como os da Guerra de São Gabriel e nas missões do Chaco e da Patagônia. Francisco Xarque apontou dois motivos para a composição da sua obra. Primeiro, ela seria a conclusão das outras histórias de vida que escreveu. O relato dos sucessos obtidos naquela região seria a comprovação do sucesso dos primeiros missionários. Segundo, a obra “satisfaria a curiosidade” dos seus leitores¹.

O relato começava com um panorama da região das reduções e seguiam-se informações relativas à localização da Província e sua jurisdição. A maior parte da Província estava sob governo espanhol. Os índios daquela região eram submetidos ao sistema das *encomiendas*. Os colonos podiam se servir do trabalho daqueles povos por um período por meio desse sistema. Xarque responsabilizou os *encomenderos* pelo mau comportamento dos índios. Os colonos exploravam os nativos desmesuradamente. Essa exploração era o motivo da fuga de muitos e do afastamento de outros dos ensinamentos cristãos. A parte da Província sob domínio português sofria outra ameaça. Os bandeirantes de São Paulo aprisionavam os índios e os vendiam como escravos. Muitos temiam o contato com qualquer europeu com medo de serem aprisionados. O comportamento dos colonos espanhóis e portugueses tornava a atividade dos jesuítas “útil” e “necessária” (Xarque, 1687, p. 358). Os índios, segundo Xarque, eram bárbaros. Eles não tinham governo nem religião. Viviam em bandos nas selvas e eram liderados por um cacique e um “feiticeiro”. Eles não plantavam nem criavam animais. Eram canibais e estavam sempre em guerra contra outros índios (Xarque, 1687, p. 300).

Tanto a ameaça dos colonos europeus quanto a barbaridade dos índios levaram os missionários a optarem pela estratégia das reduções. Eles “reduziram” os povos selvagens à vida em sociedade. Instituíram governantes e juízes e apresentaram o Cristianismo. Os missionários ensinaram a agricultura e a pecuária, o que garantia o abastecimento das comunidades.

¹ De acordo com o *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, “curiosidade” seria tratar “alguma coisa com cuidado ou diligência”. Nesse sentido, Xarque não queria maravilhar seus leitores com novidades. A sua obra dirigia-se para os que já tinham interesse nas reduções e servia como esclarecimento sobre aquele trabalho.

A redução de índios tão selvagens não era fácil, dizia Xarque. A principal medida dos jesuítas era a manutenção das necessidades básicas daqueles homens. Para tanto, os missionários mantinham estoques comuns, para alimentação dos necessitados; incentivavam as artes, especialmente a música; e estimulavam o comércio, sobretudo da “erva Paraguai”, cuja renda pagava os tributos devidos ao governo colonial. A previsão, a arte e o comércio eram signos do nascimento da civilização entre aqueles povos bárbaros. O modelo era diferente das missões tradicionais. Como se viu, a pregação não era a principal ferramenta. Esse ponto poderia causar dúvidas na hierarquia eclesiástica. Em sua defesa, Xarque recorria ao exemplo do apóstolo Paulo, que exerceu ofícios simples para comunicação da mensagem evangélica. Os jesuítas tornavam-se, no Paraguai, lavradores e pastores apenas para alcançar os índios (Xarque, 1687, p. 302).

As reduções eram isoladas. O isolamento garantia proteção contra o “mau exemplo” dos colonos espanhóis e os ataques dos colonos portugueses. O isolamento não significava independência eclesiástica ou política. Xarque apresentava as reduções em sintonia com a hierarquia da Igreja. Em sua visão, os bispos apoiavam integralmente o trabalho dos jesuítas. Claramente, ele afastava a polêmica com o bispo Cárdenas como um caso isolado. As reduções recebiam visitas pastorais e sempre surpreendiam pela retidão dos seus costumes. Em suas próprias palavras:

Y en años atras los Prelados mas antiguos confirmaron à los Indios, y hallaron en ellos, y en sus Pueblos tal Christiandad en costumbres, tal devocion en los Templos, tal observancia de las Leyes Eclesiasticas; y obediencia à sus Obispos, y Curas, que bañados en lagrimas de espiritual consuelo, con ternura de Padres davan à Dios nuestro Señor infinitas gracias, protestando que su diestra sola pudiera aver transformado en corderos tan humildes, los que tan poco antes eran Leones, comedores de carne humana (Xarque, 1687, p. 310).

Xarque chamou atenção também para a obediência das reduções ao poder civil, especialmente dos governadores do Paraguai e de Buenos Aires. Ele enfatizou a obediência dos índios aos reis da Espanha e, inversamente, a dedicação dos monarcas aos novos súditos. A escolha de lideranças locais não implicava um desejo de autonomia, porque todos os oficiais indígenas deviam ser confirmados pelas autoridades coloniais (Xarque, 1687, pp. 310-311). O mesmo poderia ser dito em relação à utilização de armas de fogo pelos índios. Esse era um ponto polêmico. Os colonos temiam a revolta dos índios, caso eles usassem armamentos dessa natureza. Xarque utilizou o relato da batalha de San Gabriel, em que a participação dos índios foi determinante, como prova da inofensividade e do valor militar dos nativos. Como diria o próprio Xarque:

A estas expediciones nunca embian los Corregidores (que son lo señalados Superintendentes de las armas, en cada Pueblo) sin pedir primero consejo al Padre Cura [...]. Y esto fue à los principios, en tanto grado, que ni para defenderse peleavan, dexandole antes cautivar, herir, ò matar, que resisitir con daño del enemigo, juzgando, que la caridad Christiana, que les avian predicado los Missioneros, se violaria, con matar, ò lastimar en algo al proximo, aun quando les acometia injusto; y fue necessario, que sus Parrocos les explicassen, que la justa defensa de la vida, y de sus familias, era obligtoria, aun en caso que no pudiesen defenderla, sino con murirerse el enemigo, quando assalta contra razon (Xarque, 1687, p. 315).

Os índios reduzidos eram inofensivos porque eram bem educados pelos padres. No entanto, Xarque denunciava a desproporção entre a quantidade de trabalho e de missionários. Todavia, essa desproporção era uma tópica comum nos escritos dessa natureza. A seara era grande e os trabalhadores seriam poucos – os relatos repetiam como eco aos Evangelhos. Para a resolução desse problema, os jesuítas preparavam nativos para atuarem em todas as esferas das missões (Xarque, 1687, p. 342). O sucesso da educação e, especialmente, da cristianização foi demonstrado através das festas comemoradas nas reduções. Assim como entre os povos cristãos da Europa, os indígenas do Paraguai celebravam o *Corpus Christi*, o Santo Patrono da redução e a Semana Santa. Ao que tudo indica, a descrição dessas festas se relacionava também com as discussões sobre devoção (Xarque, 1687, p. 349). Os jesuítas eram criticados pelo excesso de festas que celebravam e pelo exagero no culto.

Outro sinal do sucesso da cristianização era o abandono da embriaguez e da sensualidade, duas falhas associadas tradicionalmente aos índios americanos. Xarque se esforçava para expor as estratégias que os missionários adotavam, bem como os resultados que eles alcançavam entre os nativos (Xarque, 1687, pp. 355-356). Os índios cristianizados se defendiam, ensinavam outros, festejavam as comemorações cristãs, tinham abandonado a embriaguez e a sensualidade, mas em troca os jesuítas zelavam pela satisfação das necessidades de todos. O relato de Xarque não falava sobre comunhão de bens, uma característica associada às reduções a partir do século XVIII. No seu relato, a satisfação das necessidades era garantida através da misericórdia e do amor ao próximo (Xarque, 1687, p. 360). Todavia, o maior sinal de civilização entre os selvagens reduzidos no Paraguai era a atitude com os índios não cristianizados. Eles “dissimulavam” toda aversão para atraí-los às reduções. Além disso, eles venciam sua “natureza vingativa” e recebiam esses neófitos em suas próprias casas.

La Misericordia và poseyendo su coraçõn de suerte, que no saben negar al pobre quando les pide, aun lo mismo de que cada uno necessita. Si algun Pueblo, por no corresponder los sembrados, carece de los frutos necesarios, no le dexan experimentar la hambre; porque las otras reducciones parte de sus cosechas, aunque sean sin precio alguno, teniendo por suficiente paga el remediar al proximo, que miran como à su hermano (Xarque, 1687, pp. 361-362).

O resumo das ideias de Xarque encontra-se no trecho que encena missionários indígenas falando com nativos não cristianizados. Para convencer estes, os índios missionários elogiavam a sociedade criada pelos jesuítas. Essa sociedade assegurava o temporal e o eterno. Ela protegia contra os inimigos (espanhóis, portugueses e outros índios). Finalmente, ela garantia o alimento sem necessidade de migrações constantes.

Y fortalecido èl, y los suyos con los Santos Sacramentos de Confession, y Comunion; y instruidos con saludables consejos de sus Curas, partian àzia los parages, donde entendian avria Gentiles. Hallados, los agassajavan, y regalavan, asegurandoles, que no iban de guerra, sino muy de paz, y con deseos de comunicar con ellos el inestimable bien, de que gozavan en sus Pueblos; donde les sobra todo lo temporal, y aseguravan lo eterno; sin rezelo de enemigos, que les quiten sus familias, les perturben su quietud, les impidan el sustento, que les embia Dios del Cielo con menos trabajo corporal, de el que ellos padecen en buscarle dispersos por los campos, bosques, y rios, expuestos à las aguas, Soles, tempestades, mosquitos, tabanos, vivoras, tigres, y cocodrilos, que les causan tantas desdichas, y muettes, quantas vian cada dia à sus ojos; Que tienen en sus reducciones unos Ministros de Dios, muy distintos de los demás

Españoles; pues libres de todo interes, solo cuydan de que no les falte à los Indios conveniencia alguna, aunque sea menester para esso quitarse de la boca el manjar, desnudarfe del vestido, passar noches enteras desvelados; exponerse à los mayores riesgos, y perder la vida (como con efecto les dizen muchos la han perdido) por util da sus obejas. (Xarque, 1687, p. 366)

A sociedade descrita por Francisco Xarque repousava sobre a satisfação das necessidades básicas – do “amor próprio de comodidade”; e sobre a dissimulação dos afetos – “amor próprio de vaidade”. O relato apresentava ainda a transformação de “selvagens no estado de natureza” para “cristãos em sociedade”. Os índios teriam sido capazes de escolher a graça, ao contrário do que pensavam os jansenistas. Ao mesmo tempo, Xarque se distanciava dos moralistas, na medida em que demonstrava o papel fundamental da religião no processo de transformação dos índios.

A “maneira de ler da contrarreforma” estava impressa na “relação” de Xarque, cujo objetivo era “informar”, ou seja, dar forma ou edificar os leitores. Ela induzia o leitor a garantir a unidade do ensino moral em um momento de profunda divisão e debate quanto a esse aspecto. A descrição das reduções no Paraguai participava das discussões morais do período, mais do que informava leitores “curiosos”.

Referências bibliográficas

- Chartier, R. (1993). *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Alianza Editorial.
- Estela-Guillemont, M. (2007). La voix publique dans la province du Paraquaria au temps du conflit entre les jésuites et Bernardino de Cárdenas, évêque d'Asunción (1644-1668). Em A. Molinié, A. Merle, & A. Guillaume-Alonso, *Les jésuites en Espagne et en Amérique (XVIe-XVIIIe siècles). Jeux et enjeux de pouvoir aux XVIe et XVIIIe siècles*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne.
- Gay, J.-P. (2016). *Jesuit Civil Wars: Theology, Politics and Government under Tirso González (1687-1705)*. London: Routledge.
- Hazard, P. (2013). *The Crisis of European Mind*. New York: New York Review Book.
- Jarque, F. & Altamirano SJ, D.F. (2008). *Las misiones jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las Misiones de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, Tucumá y Río de la Plata. Estudio preliminar de Ernesto J. A. Maeder*. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia.
- Julia, D. (2001). Lecturas y Contrarreforma. Em R. Chartier, & G. Cavallo, *Historia de la lectura en el mundo occidental* (pp. 415-468). Madrid: Taurus Minor.
- Kraye, J. (2003). Conceptions of moral philosophy. Em D. Garber, & M. Ayers, *The Cambridge History of Seventeenth-century Philosophy* (Vol. 2). Cambridge: Cambridge University Press.

- Lazzeri, C. (2001). Les moralistes français du XVIIe siècle : la suprématie de l'amour-propre et de l'intérêt. Em A. Caillé, C. Lazzeri, & M. Senellart, *Histoire raisonnée de la philosophie morale et politique: Le bonheur et l'utile*. Paris: La Découverte & Syros.
- LeBuffe, M. (2017). Moral Philosophy. Em D. Kaufman, *The Routledge Companion to Seventeenth Century Philosophy*. New York: Routledge.
- Venard, M. (1997). *Histoire du Christianisme: des origines à nos jours. L'âge de raison (1620/30-1750)*. Paris: Desclée.
- Xarque, F. (1687). *Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay. Estado presente de sus misiones en Tucumán, Paraguay, y Río de la Plata, que comprende su distrito*. Pamplona: Juan Micon.